



A CTAS DA VI REUNIÃO INTERNACIONAL DE CAMONISTAS

Seabra Pereira
Manuel Ferro
Coordenação

SUBSÍDIOS PARA UMA EDIÇÃO CRÍTICA DAS CANÇÕES DE CAMÕES

Quem quer que demonstre um sério interesse pelos estudos camonianos não pode de forma alguma ignorar os problemas que se levantam relativamente ao cânone lírico do grande Poeta. Com efeito, se o poema épico de Luís de Camões – *Os Lusíadas* – não suscita problemas de autoria de monta, as dúvidas quanto à autenticidade das suas composições líricas avolumam-se.

Várias e sobejamente conhecidas são as razões que contribuem para o alicerçar desta desconfiança, pelo que procuraremos sintetizá-las muito brevemente. A primeira reside no facto de que, contrariamente ao que aconteceu com *Os Lusíadas* publicados ainda em vida do poeta (mais precisamente em 1572 sob a responsabilidade de Manuel de Lira), os poemas líricos de Camões conheceram pela primeira vez edição apenas em 1595, quinze anos após a morte do seu autor. Como afirma Hernani Cidade¹, apenas quatro poesias líricas foram publicadas em vida de Camões: a ode «Aquelle unico exemplo», a elegia «Depois que Magalhães teve tecida» e os sonetos «Vós, ó ninfas da gangética espessura» e «Ditosa pena, como a mão que a guia», sendo este último de atribuição duvidosa. A este facto vêm-se juntar a prática de transladação manual de textos feita pelos próprios autores ou por coleccionadores que nem sempre referiam o nome dos autores dos textos que coleccionavam e que, frequentemente, introduziam alterações nos originais, e a certeza de que no século XVI, época em que Camões viveu e escreveu, os autores se imitavam enormemente fazendo autênticos exercícios paragramáticos sobre textos de outros autores.

Tudo isto conduziu a que as peças líricas de Luís de Camões tenham vindo a ser recolhidas em várias épocas, de vários manuscritos e por diversos autores que, segundo critérios também diversos, as incluem ou retiram do cânone lírico do poeta, apresentando assim edições que diferem substancialmente umas das outras, facto que torna urgente uma reflexão acerca do grau de autenticidade dos poemas nelas inclusos.

Exemplo de duas edições muito distintas entre si são as que serviram de base ao trabalho que motivou esta comunicação e que são as *Rimas Varias de Luis de Camoens* organizadas e comentadas pelo licenciado Manuel de Faria e Sousa, cuja edição

¹ Cf. Hernani Cidade, (...), *Luís de Camões: o lírico*, Lisboa, Editorial Presença.

ocorreu entre 1685 e 1689, e a reedição de 1994 das *Rimas* de Luís de Camões da responsabilidade do Prof. Costa Pimpão. Estas duas edições, distanciadas no tempo cerca de três séculos, não são de modo nenhum coincidentes quanto ao número de composições apresentadas como sendo de Camões.

Embora sejam os sonetos que maior disparidade apresentam quando se confrontam as duas obras referidas (Faria e Sousa atribui 264 sonetos a Camões distribuídos por três centúrias e ainda por uma *adition* posterior, enquanto o Prof. Costa Pimpão apenas considera 166 como escritos por este autor), a nossa pesquisa incidiu sobre as **canções**, género do qual Faria e Sousa apresenta quinze composições como sendo camonianas, não admitindo o Prof. Costa Pimpão mais do que as dez primeiras.

Aliás, esta redução das composições líricas atribuídas a Camões verifica-se igualmente para os outros géneros que o poeta cultivou, fruto das acusações graves que Wilhelm Storck e D. Carolina Michaelis fizeram à edição apresentada por Faria e Sousa, comentador que a ilustre camonista do século passado definiu como sendo «o melhor conhecedor do Poeta, mas ao mesmo tempo o mais fanático e fantasioso fabulista da literatura portuguesa que, adorando o autor de *Os Lusíadas*, usurpava para ele as melhores composições líricas inéditas, e mesmo impressas, que encontrava.»².

Na verdade, Faria e Sousa não ampliou só o «*corpus*» da lírica do «*seu Poeta*» com todas as composições que lhe pareciam dignas do génio do grande lírico; como ele próprio afirma: «*Estava la glosa en las copias con alguns versos tan errados, y clausulas, que fue necessário meter la hoz en esta mies, procurando no salir del intento que el P. lle-vava: y esto proprio me sucedió en otros Poemas que de nuevo anadi; y aun en algunos lances de los impresos. (...) Desta suerte, pues, son los mas de los manuscritos que he alcanzado destas Rimas: y también desta suerte los reparos que en bellas hize; no sin cogerlo, ó inferirlo de las mismas copias; porque el lugar que en una está mas confuso, en otra está com mas luz*»³.

Isto mesmo se pode confirmar se confrontarmos as dez primeiras **canções**, comuns às edições de Faria e Sousa e do Prof. Costa Pimpão, esta última estabelecida com base no texto apresentado nas edições de 1595 e de 1598 tidas como as menos refutáveis porque mais próximas das fontes, muito embora no «*Prologo ao Leitor*» da edição de 1598, decerto da autoria de Estêvão Lopes, se possa já ler: «*procurei que os erros, q na outra (a de 1595) por culpa dos originaes se cometerão, nesta se emmendassem de sorte, que ficasse merecendo conhecerse de todos por digno parto do grande engenho de seu autor. (...) porque certo em muitas fabulas que toca o Autor em diuersas partes, & textura dos versos, assi se entrodusirão os erros de que os tresladaua, que ja quasi na opinião do vulgo se tinham por proprios de Luis de Camões. & se ainda assi não ficarem na realidade de sua primeira composição, baste que em quanto pude o comuniquéi com pessoas que o entendião, conferindo varios originaes, & escolhendo delles o que vinha mais proprio*

² Cf. Carolina Michaelis de Vasconcellos, (1980), *Estudos Camonianos, O Cancioneiro do Padre Pedro Ribeiro*, Lisboa, I.N.C.M., p. 2.

³ Cf. Manuel de Faria e Sousa, (1689) *Rimas Várias*, Lisboa, pp. 125 - 126 do tomo IV, 2º volume.

ao que o Poeta queria dizer, sem lhe violar a graça, & termo particular seu, que nestas cousas importa muto»⁴.

Foi precisamente a um trabalho de confrontação textual que nos dedicámos com vista a pôr em evidência as alterações introduzidas por Faria e Sousa na lírica de Camões e a tecer, sempre que as informações e os conhecimentos que possuímos nos permitiram tal, os comentários que se nos afiguraram mais pertinentes. Para tanto, elaborámos dez quadros (um relativo a cada **canção**) nos quais indicámos o primeiro verso de cada uma das **canções** apontadas pelo camonista do século XVII e que o Prof. Costa Pimpão não refutou, passando posteriormente a estabelecer um paralelo entre os versos que constam na edição de Faria e Sousa de forma diferente daquela em que aparecem na edição do Prof. Costa Pimpão. Como referência para este confronto servimo-nos da edição de 1598 segundo reprodução fac-similada da responsabilidade do Prof. Aguiar e Silva que, como já dissemos, é das mais credíveis e uma das que o Prof. Costa Pimpão usou para elaborar a sua.

Seguidamente apresentamos os quadros que organizámos e através dos quais se podem confrontar todas as diferenças encontradas nas edições que acabámos de referir. Logo de seguida daremos a conhecer os comentários que a análise dessas diferenças nos suscitou.

CANÇÃO N° 1 – “Fermosa e gentil Dama, quando vejo”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
3ª estrofe: Vs. “Que de vista me perco, ou pecco nisto” “Que se em fim resisto” “E armome de vossa fermosura”	“Que de vista me perco, ou pecco nisto” “Porém como resisto” “Armandome de vossa fermosura”	“Que de vista me perco, pecco nisto,” “que se, enfim, resisto” “e armo-me de vossa fermosura”
5ª estrofe: Vs. “Que mayor bem deseja quem vos ama” “Fallo porque esta gloria não conhece”	“Qual bem mayor deseja quem vos ama” “o faz porque esta gloria não conhece”	“Que maior bem deseja quem vos ama” “fá-lo porque esta glória não conhece”
6ª estrofe: Vs. “Mas porem não se ganha” “E assi de enleada a esperanc,a”	“Mas ah! que não se ganha” “E de enleada assi minha esperança”	“Mas, porém, não se ganha”
Remate: Vs. “Sabe canção qu’ é porque não vejo”	“Sabe, canção que foi porque não vejo”	“Sabe, Canção, que porque não vejo”

⁴ Cf. Vítor Aguiar e Silva, (1980), *Rimas / Luís de Camões*, reprodução fac-similada da edição de 1598, Braga, Universidade do Minho, p. IX.

CANÇÃO N° II – “A instabilidade da fortuna”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1º estrofe: Vs. “Me endurece a voz no peito frio” “Saiba o mundo d’amor o desconcerto”</p> <p>2ª estrofe: Vs. “Buscou fingidas causas por matarme” “No abismo infernal de meu tormento” “Não foy soberbo nunca o pensamento” “Nem pretende mais alto alevantarme” “Saiba qu’o mesmo amor que me condena”</p> <p>3ª estrofe: Vs. “Porém como ante si lhe foy presente” “qu’entenderão o fim de meu desejo” “Ou por outro despejo” “De sede morto estou posto num rio” “E fogeme a agoa, se beber porfio”</p> <p>4ª estrofe: Vs. “Porque a meu desejo ‘me gabei” “De alcançar hum bem de tanto-preço” “E assi ganho, & perco a confiança” “E assi de mi fugindo, tras mi ando”</p> <p>5ª estrofe: Vs. “Que de sua fermosura foy nascido” “Afora este mal qu’eu merecia”</p>	<p>“me endurecer a voz no peito frio” “Saiba o mundo d’amor o desengano” “buscou fingidas causas de matarme” “a este abismo infernal de meu tormento” “nunca soberbo foy o pensamento” “Nem pretendeu mais alto alevantarme” “Saibão que o mesmo amor que me condena” “Mas como lhes estive alli presente” “E ou por outro despejo” «ou por outro despejo» “Morto de sede estou posto num rio” “E fogeme a agoa se en beber porfio” “E porque a meu desejo me gabei” “de conseguir hum bem de tanto preço” “E assi ganho e assi perco a confiança” “E assi de mim fugindo tras mim ando” “Que de sua beleza foy nascido” “afora este penar qu’ eu merecia”</p>	<p>“me endurece a voz no peito frio” “Saiba o mundo d’Amor o desconcerto” “buscou fingidas causas por matar-me” “no abismo infernal de meu tormento” “não foi soberbo nunca o pensamento” “nem pretende mais alto alevantar-me” “Saiba que o mesmo amor que me condena” “Porém como ante si lhe foi presente” “que entenderam o fim de meu desejo” “de sede morto estou posto num rio” “e foge-me a água, se beber porfio” “Porque a meu desejo me gabei” “de alcançar um bem de tanto preço” “E assi ganho e perco a confiança” “(que de sua beleza foi nascido)” “e afora este mal que eu merecia”</p>

<p>“(Que sempre voa d’hua a outra parte)”</p> <p>“Imaginando como o famulento, / Que come mais, & afome vai crecendo”</p> <p>6ª estrofe: Vs.</p> <p>“De vontades alheas qu’eu roubava”</p> <p>“De maneira o engano lhe fingia”</p> <p>“Torna a cayrme, em - balde em fim pelejo”</p> <p>“Não te espantes Sisifho deste alento”</p> <p>“Qu’ ás costas o subido sofrimento”</p> <p>7ª estrofe Vs.</p> <p>“Como o avaro a quem o sonho pinta”</p> <p>“Achar thesouro grande onde enriquece,”</p> <p>“Vay cavar o lugar onde sonhava”</p> <p>“Dest’arte amor me faz perder o siso”</p> <p>“Nunqua sentirão tanto o triste abyso”</p> <p>Remate</p> <p>“Canção no mais, que já não sei que digo!”</p>	<p>“Voando sempre de húa a outra parte”</p> <p>“Imaginando como o famulento, / Que come mais & afome vai crecendo”</p> <p>“De vontades alheas qu’eu roubava”</p> <p>“O engano de maneira lhes fingia”</p> <p>“Torna a cayrme; en vão enfim pelejo”</p> <p>“Sisifo, não te espantes deste alento”</p> <p>“Que ás costas o subido sofrimento”</p> <p>“ Bem como o avaro a quem o sonho pinta”</p> <p>“O achado de um tesouro”</p> <p>“Vai o sítio cavar com que sonhava”</p> <p>“O Amor assi me faz perder o siso”</p> <p>“Não sentirão tanto o triste abiso”</p> <p>“Canção, no mais, que já não sei que diga”</p>	<p>“(que sempre voa dúa a outra parte)”</p> <p>“imaginando sobre o famulento, /quanto mais come, mais está crecendo,”</p> <p>“De vontades alheias, que roubava”</p> <p>“De maneira o engano lhe fingia”</p> <p>“torna a cair-me; embalde, enfim, pelejo”</p> <p>“Não te espantes, Sisifo, deste alento,”</p> <p>“Que ás costas o subi do sofrimento”</p> <p>“Como o avaro a quem o sonho pinta”</p> <p>“Vai cavar o lugar onde sonhava”</p> <p>“destarte Amor me faz perder o siso”</p> <p>“nunca sentirão tanto o triste abiso”</p> <p>“Canção, nõ mais, que já não sei que digo”</p>
--	---	--

CANÇÃO N° III – “Já a roxa manhã clara”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1ª estrofe: Vs.</p> <p>“Do Oriente, as portas vinha abrindo”</p> <p>“E com suave & doce melodia”</p> <p>2ª estrofe: Vs.</p> <p>“Clara, suave, angelica, serena”</p>	<p>“As portas do Oriente vinha abrindo”</p> <p>“E com suave & doce melodia”</p> <p>“Clara, suave, angelica serena”</p>	<p>“do Oriente as portas vem abrindo”</p> <p>“com ùa suave e doce melodia”</p> <p>“branda, suave, angélica, serena”</p>

<p>“Ó effeito d’amor alto e potente” “Que permite, & consente” “Que onde quer que me ache, & onde esteja” “O Seraphim sempre veja” “Pois as foi pôr em ti tão excellentes” 3ª estrofe: Vs. “A meus olhos me mostra por quem mouro” “E os cabellos d’ouro” “Não igoala os que vi, mas arremeda:” “Esta’he a luz qu’arreda” “O orvalho das flores delicadas” “Meos spiritos sam qu’ a voz levantão” 5ª estrofe Vs. “Que nesta vista pura se mantinha” “Quão asinha o Sol falta redondeza” “Que causaste tão largo apartamento” “Homem formado sô de carn’& osso”</p>	<p>“Ó effeito d’amor alto & potente” “Pois permite e consente” “que onde quer que eu ande, e onde esteja” “o seráfico gesto sempre veja” “pois as foi pôr em ti tão excellentes” “a meus olhos me mostra porque mouro” “Com os cabellos d’ouro” “Que nenhum ouro iguala, se os remeda” “esta a luz é que arreda” “Os orvalhos das floredelicadas” “meus espiritos são que a voz levantam” “Como o Sol faltar foi à redondeza” “Que causaste tão largo apartamento” “Homem formado só de carne, e osso”</p>	<p>“Ó efeito de amor tão preeminente” “Que permite e consente” “Que onde quer que me ache, e onde esteja” “o seráfico gesto sempre veja” “pois as foi pôr em ti tão diferentes” “a meus olhos me mostra por quem mouro” “e os cabellos d’ouro” “não igual aos que vi, mas arremeda:” “esta é a luz que arreda” “o orvalho das flores delicadas” “os meus espiritos são, que a voz levantam” “quão asinha o sol falta à redondeza” “que causaste tão longo apartamento” “um homem sou só de carne e osso”</p>
--	---	---

CANÇÃO N° IV – “Vão as serenas águas”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1ª estrofe: Vs. “Mansamente, qu’ate o mar não parão” “Ali s’ajuntarão” “Aond’agora mouro” “Testa de nev’& ouro” 2ª estrofe: Vs. “Contente com a pena” “Hum dia n’outro dia” “Longo tempo passei” “Com a vida folguei”</p>	<p>“mansamente até o mar não param” “ali se me mostraram” “em que inda agora mouro” “Testa de neve, e de ouro” “glorioso com a pena” “De um dia em outro dia” “tempo longo passei” “Co a vida folguei”</p>	<p>“mansamente, que até o mar não param” “ali se ajuntaram” “aonde agora mouro” “testa de neve e ouro” “contente com a pena” “Um dia noutro dia” “longo tempo passei” “co a vida folguei”</p>

<p>3ª estrofe: Vs. “o fim pudesse ver ind’algum’hora” “Ó quem cuidar pudera” “Perdess’a esperança” “E o vão pensamento” “Ar’o derradeiro despedirme”</p> <p>4ª estrofe Vs. “Com a qual defenderme triste spero” Remate: Vs. “Canção tu staras” “Aqui acompanhando” “Estes campos, e estas claras agoas” “Chorando e suspirando” “E ao mundo mostrando tantas magoas” “Que de tão larg’historia”</p>	<p>“o fim pudesse ver eu algúa hora?” “E o quem cuidar pudera” “Já perdida a esperança” “visse o vão pensamento” “até no derradeiro despedir-me”</p> <p>“E com que defender-me triste espero”</p> <p>“Tu, Canção, estarás” “Agora acompanhando” “Por estes campos e estas claras agoas” “Com choro, suspirando” “Porque ao mundo, dizendo tantas mágoas” “como huma larga história”</p>	<p>“o fim pudesse ver ind’algúa hora!” “ó quem cuidar pudera” “perdesse a esperança” “E o vão pensamento” “até o derradeiro despedirme”</p> <p>“com a qual defender-me triste espero”</p> <p>“Canção, tu estarás” “aqui acompanhando” “estes campos e estas claras águas” “chorando e suspirando” “e ao mundo mostrando tantas mágoas” “que de tão larga história”</p>
---	---	--

CANÇÃO N° V – “Se este meu pensamento”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1ª estrofe: Vs. “E eu que sempre ando” “ Pintara meu torment ‘e vosso gesto”</p> <p>2ª estrofe: Vs. “A quem o sol seus rayos abaixou” “Que querella louver he’cusado” “Perolas dentes, e palavras ouro”</p> <p>3ª estrofe Vs. “E eu de gent’ em gente” “Soment’a aspereza”</p> <p>4ª estrofe: Vs. “E se polla ventura”</p>	<p>“E então eu que sempre ando” “pintara a minha pena” “a quem o sol raios seus abaixou” “que querêlla louver é já escusado” “Perlas, os dentes; as palavras, ouro” “Mas eu, de gente em gente” “Mas somente a aspereza” “E quando, por ventura”</p>	<p>“E eu que sempre ando” “pintara meu tormento e vosso gesto” “a quem o sol seus raios abaixou” “ que querê-la louvar é escusado” “os dentes, perlas; as palavras, ouro” “e eu, de gente em gente” “Somente a aspereza” “E se pola ventura”</p>

<p>“Tanto a terra descesse” “Qu’a alcançasse humild’ entendimento” “Daquillo que cantasse” 5ª estrofe: Vs. “Então amostraria” “E o suspirar que traz a’lma consigo” “O falar, & esquecerme do que digo” “E de poder achallo acovardarme” “Em fim averiguar-me” 6ª estrofe: Vs. “Com vossa fermosura minha pena” “Qu’em doce voz de fora” “Em fim se convertesse” “Nos gostos dos louvores qu’escrevesse”</p>	<p>“Tanto à terra desces-<i>Se</i>” “que a alcançasse um humano entendimento” “de tudo o que eu cantasse” “Logo amostraria” “E o suspirar que traz a alma consigo” “o falar e esquecer-me do que digo” “E de o poder achar acovardar- me” “E enfim averiguar-me” “com vossa fermosura a minha pena” “E em doce voz de fora” “enfim, se convertesse” “no gosto dos louvores que escrevesse”</p>	<p>“tão baixo não descesse” “que a alcançasse um baixo entendimento” “daquilo que cantasse” “Entao amostraria” “o suspirar que a alma traz consigo” “o falar,o esquecer-me do que digo” “e de poder achá-lo acovardar-me” “enfim, averiguar-me” “com vossa fermosura minha pena” “que, em doce voz, de fora” “que, enfim, se convertesse” “nos gostos dos louvores que escrevesse”</p>
---	---	---

CANÇÃO N° VI – “Com força desusada”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>2ª estrofe: Vs. “A vida & alegria” 4ª estrofe: Vs. “Qu’eu nunca pude tanto” 5ª estrofe: Vs. “Que visse tanto bem com’esquivanças” 6ª estrofe: Vs. “Tão brando, & pouco irado” “E bem com’acontesce” “Qu’assi como ao doente” “O médico sabido” “Assi me consentia” “Esperança, desejo, & ousadia” 7ª estrofe: Vs.</p>	<p>“a vida, e a alegria” “que eu nunca fui tanto” “que visse tanto bem como esquivanças” “Tão brando, ou pouco irado” “Da sorte que aconte-ce” “ao mísero doente” “Que o médico advertido” “o Amor me consentia” “Esperanças, desejos e ousadia”</p>	<p>“a vida e alegria” “que eu nunca pude tanto” “que visse também com esquivanças” “tão brando e pouco irado” “E bem como acontece” “que assi como ao doente” “o médico sabido” “assi me consentia” “esperança, desejo e ousadia”</p>

<p>“Qu’ouvess’em mi pecado”</p> <p>“Que mereça tão grave penitência?”</p> <p>“Nunca m’acabe nelle meu tormento”</p>	<p>“Qu’ouvess’em mi pecado”</p> <p>“digno de tão grave penitência”</p> <p>“Nunca m’acabe nelle mell tormento”</p>	<p>“que pode haver pe - cado”</p> <p>“que mereça tão grave penitencia?”</p> <p>“nunca se acabe nele meu tormento”</p>
---	---	---

CANÇÃO N° VII – “Manda-me Amor que cante docemente”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Diz que ser de tão lindos olhos preso”</p> <p>2ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Sem conhecer amor viver soia,”</p> <p>3ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Causava hum admirado & novo spanto”</p> <p>“E as garrulas aves levantando”</p> <p>“Vozes desordenadas em seu canto,”</p> <p>“Como no meu desejo s’encendião,”</p> <p>“Inflamadas na linda vista pura”</p> <p>“Ou d’inveja das hervas que pisavão”</p> <p>“Ou porque tud’ant’ella s’abaixava”</p> <p>4ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“E nisto só o tive, porqu’amor”</p> <p>“Mo deixou, porque viss’o que podia”</p> <p>“Nos montes, & a dureza”</p> <p>6ª estrofe:</p> <p>Vs .</p> <p>“Em fim senti negars’a natureza”</p> <p>“Não sey quem m’escrevia”</p> <p>Remate:</p>	<p>“diz que o ser de tão lindos olhos preso,”</p> <p>“Sem conhecer a Amor viver soia”</p> <p>“causava um admirável, novo espanto”</p> <p>“alli as gárrulas aves, levantando”</p> <p>“vozes não ordinaries em seu canto”</p> <p>“como eu no meu desejo se encendiam”</p> <p>“De inflamadas na vista linda e pura”</p> <p>“ou de inveja das ervas que pisavam”</p> <p>“ou porque tudo ante ela se abaixava”</p> <p>“Porém só nisto o tive, porque Amor”</p> <p>“mo deixou, para ver o que podia”</p> <p>“nos montes, e a dureza”</p> <p>“E enfim, senti negar-se a natureza”</p> <p>“não sei quem m’escrevia”</p>	<p>“diz que ser de tão lindos olhos preso,”</p> <p>“Sem conhecer Amor viver soía”</p> <p>“causava um admirado e novo espanto”</p> <p>“E as gárrulas aves levantando”</p> <p>“vozes desordenadas em seu canto”</p> <p>“como em meu desejo se encendiam”</p> <p>“inflamadas na linda vista pura”</p> <p>“tendo enveja das ervas que pisavam”</p> <p>“(ou porque tudo ante ela se abaixava)”</p> <p>“e nisto só o tive, porque Amor”</p> <p>“mo deixou, porque visse o que podia”</p> <p>“os montes e a dureza”</p> <p>“enfim, senti negar-se a natureza”</p> <p>“não sei que m’escrevia”</p>

Vs. “Os sentidos humanos lhe responde” “Senão d’hum pensamento”	“os sentidos humanos, (lhe responde)” “senão de um pensamento”	“os sentimentos humanos, lhe responde,” “(senão um pensamento)”
---	---	--

CANÇÃO N° VIII – “Tomei a triste pena”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
1ª estrofe: Vs. “Vendo que me condena” “Pois sempre meu desejo” 2ª estrofe: Vs. “Tão condenado stou” “Com os sinais demonstrarão que mostrais” “vivo neste tormento” “Qu’as que d’esta razão tomar queirais” “De que vâmente eu m’enriquecia” “pois com tela de vos só tenho glória” 3ª estrofe Vs. “Ser verdade pura” “Mais que de Arabia o ouro reluzente” “A condição tão dura” “Mudareis n’outra muito diferente” “E eu como innocente” “Que stou em este caso” “Isto em mãos posera” “Que ficasse o direito & justo raso” “Se não arreceara” 4ª estrofe: Vs. “Porque antes qu’a dor prive” “De todo meus sentidos” “Ao grande tormento” 5ª estrofe: Vs. “(Qu’isto he o que mais espero)”	“vendo que me condena” “pois sempre o meu desejo” “tão condenado estou” “como os sinais demonstram que mostrais” “neste vivo tormento” “que as que desta razão tomar queirais” “de que vâmente já me enriquecia” “Pois com a ter de vós, só tenho glória” “ser verdade mais pura” “Do que de Arabia o ouro reluzente” “esta condição dura” “em branda se mudará facilmente” “Eu vendo-me como innocente” “Senhora neste caso” “Bem no arbítrio o pusera” “com que o que é justo se mostrasse raso” “se em fim não arreceara” “Porque antes que me prive” “a dor de meus sentidos” “ao penoso tormento” “qu’ é o que mais espero”	“com ver que me condena” “pois sempre meu desejo” “tão envolto estou” “como os sinais demonstram que mostrais” “vivo neste tormento” “que as que de razão tomar queirais” “de que vâmente eu m’enriquecia” “pois com tê-la de vós, só tenho glória” “ser verdade pura” “como ouro de Arábia reluzente,” “a condição tão dura” “mudáreis noutra muito diferente” “E eu, como innocente” “que estou neste caso” “isto em mãos pusera” “que ficasse o direito justo e raso,” “se não arreceara” “porque antes que a dor prive” “de todo meus sentidos” “ao grande tormento” “(que isto é o que espero)”

<p>“Inda a mayores dores” “Por mais que venha, não direi não quero” “Com tudo estou tão forte” “Que nem mudar pode a mesma morte” Remate: Vs. “Ver tanta crueldade”</p>	<p>“inda a penas maiores” “por mais que venham, não direi não quero” “estou, em fim, tão forte” “que não pode mudar-me a própria morte” “crer tanta crueldade”</p>	<p>“inda a maiores dores” “por mais que venha, não direi: não quero” “Contudo estou tão forte” “que nem me mudará a mesma morte” “ver tanta crueldade”</p>
---	--	--

CANÇÃO Nº IX – “Junto de um seco fero e estéril morte”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1ª estrofe: Vs. “Junto d’hum seco, fero & stéril monte” “Inutil , & despido, calvo, informe,” “Nem rio claro corre, ou ferve fonte,” “Onde hum braço de mar alto reparte” “Onde fundada ja foy Berenice,”</p>	<p>“Junto de um seco, duro, estéril monte,” “inútil e despido, calvo e informe” “nem corre claro rio, ou ferve fonte” “onde um braço de alto mar reparte” “em que fundada já foi Berenice,”</p>	<p>“Junto de um seco, fero e estéril monte” “inútil e despido, calvo, informe,” “nem rio claro corre, ou ferve fonte” “onde um braço de mar alto reparte” “onde fundada já foi Berenice,”</p>
<p>2ª estrofe: Vs . “Nelle aparece o cabo com qu’a costa” “Africana, que vem d’Austro correndo,” “O tempo a ruda lingoa mal composta”</p>	<p>“O cabo se descobre com que a costa” “Africana, que do Austros vem correndo” “a Roda, a ruda língua mal composta”</p>	<p>“nele aparece o Cabo com que a costa” “Africana, que vem do Austro correndo,” “os céus, a ruda língua mal composta”</p>
<p>3ª estrofe: Vs. “Trabalhosos, de dor, & d’ira cheos” “Não tendo tão somente por contrários”</p>	<p>“de trabalho, de dor d’ira cheios” “não tendo, não, somente por contrários”</p>	<p>“trabalhosos, de dor e d’ira cheios” “não tendo tão somente por contrários”</p>
<p>4ª estrofe: Vs. “Gastando o tempo & a vida, os quais tão alto (e vede se seria leve o salto)” “Aqui o imaginar se convertia”</p>	<p>“gastando tempo e vida os quais tão alto (o! vede se seria leve o salto)” “O imaginar aqui se convertia”</p>	<p>“gastando o tempo e a vida; os quais tão alto (e vede se seria leve o salto!)” “Aqui o imaginar se convertia”</p>

<p>“Num subito chorar, & nus sospiros,”</p> <p>5ª estrofe</p> <p>Vs.</p> <p>“O qu’este irado mar gritando amanso,”</p> <p>6ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Daquella em cuja vista já vivi;”</p> <p>“Tornada (inda que tarde piadosa”</p> <p>“E consigo por dura se julgasse:”</p> <p>7ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Ah Senhora, Senhora, & que tão rica”</p> <p>“Em vos affigurando o pensamento”</p> <p>8ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Aqui com elles fico perguntando”</p> <p>“Ali a vida cansada, se melhora”.</p> <p>“Toma spiritos novos, com que vença,”</p>	<p>“em improvisos choros e em suspiros”</p> <p>“Oh! que este irado mar gemendo amanso!”</p> <p>“daquela em cuja vista já vivi;”</p> <p>“E (posto que já tarde) piedosa”</p> <p>“E lá entre si por dura se julgasse”</p> <p>“Ah! Senhora, Ah! Senhora & que tão rica”</p> <p>“logo que vos figura o pensamento”</p> <p>“Aqui com elas fico, perguntando”</p> <p>“Ali a vida cansada, se melhora,”</p> <p>“Toma espíritos novos com que vença”</p>	<p>“num súbito chorar, e nuns suspiros”</p> <p>“Oh! que este irado mar, gritando, amanso!”</p> <p>“daquela em cujo riso já vivi;”</p> <p>“tornada (inda que tarde) piadosa”</p> <p>“e consigo por dura se julgasse”</p> <p>“Ah! Senhora, Senhora, que tão rica”</p> <p>“Em vos afigurando o pensamento”</p> <p>“Aqui co elas fico, perguntando”</p> <p>“Ali a vida cansada, que melhora,”</p> <p>“toma novos espiritos, com que vença”</p>
--	--	--

CANÇÃO N° X – “Vinde cá, meu tão certo secretário”

Edição de 1598	Edição de Faria e Sousa	Edição do Prof. Costa Pimpão
<p>1ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Papel; com quem a pena desafogo:”</p> <p>“Deitemos agoa pouca em muito fogo”</p> <p>“Que pois ja d’acertar estou tão fora,”</p> <p>2ª estrofe:</p> <p>Vs.</p> <p>“Em fim direi aquilo que m’ensinão”</p> <p>“A ira, a magoa, & dellas a lembrança”</p>	<p>“papel, com que pena desafogo”</p> <p>“Lancemos água pouca em muito fogo”</p> <p>“E pois já de acertar estou tão fora,”</p> <p>“Direi, enfim aquilo que me ensinam”</p> <p>“a ira, & a mágua, & delas a lembrança”</p>	<p>“papel, com que a pena desafogo!”</p> <p>“Deitemos água pouca em muito fogo”</p> <p>“Que, pois já de acertar estou tão fora”</p> <p>“Enfim, direi aquilo que me ensinam”</p> <p>“a ira, a mágoa, e delas a lembrança”</p>

<p>“Qu’he outra dor por si mais dura & firme”</p> <p>3ª estrofe: Vs. “Mandão que diligente” “Se versos d’amor tristes me cantavão”</p> <p>5ª estrofe: Vs. “Teve amor, que não fosse, não somente” “E de se ver corrido & injuriado” “Nellas também pintadas & fingidas;” “Qu’a phantasia me desatinava,” “E logo o desdizerme de corrido;”</p> <p>6ª estrofe: Vs. “Cos raios as entranhas, que fogião” “Em fim o gesto puro & transparente”</p> <p>8ª estrofe: Vs. “Que desculpas comigo só buscava!” “Em fim erão remedios que fingia,” “D’hum cumprido, & amaríssimo tormento” “Estes passos tão vamente espalhados,” “Em qu’eu criei a tenra natureza”</p> <p>9ª estrofe: Vs. “De Marte, que cos olhos quis que logo”</p> <p>10ª estrofe: Vs. “No primeiro perigo & no segundo” “Qu’eu não passasse atado à fiel coluna”</p> <p>11ª estrofe:</p>	<p>“que outra dor é por si mais dura e firme”</p> <p>“manda que, diligente” “se de amor tristes versos me cantavam”</p> <p>“teve Amor, sem que fosse não somente” “e corrido de ver-se e injuriado” “também nelas pintadas e fingidas” “que todo o fantasiar desatinava” “e logo o desdizer-me de corrido;”</p> <p>“cos raios as entranhas, que fugiam” “o gesto puro enfim e transparente”</p> <p>“Que desculpas comigo só buscava” “eram, enfim, remedios que fingia” “De um cumprido, amaríssimo tormento;” “estes passos vamente derramados” “Com que criei a tenra natureza”</p> <p>“de Marte, que nos olhos quis que logo”</p> <p>“no perigo primeiro e no segundo” “Que eu não passasse atado à fiel coluna”</p>	<p>“que é outra dor por si, mais dura e firme”</p> <p>“manda que, diligente” “se versos de Amor tristes me cantavam”</p> <p>“teve Amor, que não fosse, não somente” “e de se ver, corrido e injuriado” “nelas também pintadas e fingidas” “que a fantasia me desatinava” “e logo o desdizer-se, de corrido”</p> <p>“cos raios das entranhas, que fugiam” “Enfim, o gesto puro e transparente”</p> <p>“Que desculpas comigo que buscava” “Enfim, eram remedios que fingia” “de longo e amaríssimo tormento” “estes passos tão vamente espalhados” “em que criei a tenra natureza”</p> <p>“de Marte, que cos olhos quis que logo”</p> <p>“no primeiro perigo; e, no segundo,” “Que eu não passasse, atado à grã coluna”</p>
---	---	---

Vs. “Não conto tantos males como aquele” “Os olhos na que cor- re, & não alcança” 12ª estrofe: Vs. “A fermosura, os olhos, a brandura” “A singell’amizade, que desvia” “o fraco coração qu’inda não posso” Remate: Vs. “Domar este tão vão desejo vosso.”	“Não conto tantos males, como aquele” “os olhos na que corre, e não alcança” “A vista, a neve, a rosa a fermosura” “a singela amizade, que desvia” “o débil coração, que ainda não posso” “domar bem este vão desejo vosso”	“Não conto tanto males como aquele” “os olhos no que corre, e não alcança” “a fermosura, os olhos, a brandura” “a sincera amizade, que desvia,” “o fraco coração, que ainda não posso” “Domar este tão vão desejo vosso?”
--	---	--

Pensamos que a longa transcrição de versos que acabámos de fazer é por si só elucidativa da quantidade de “*variantes*” a que estão sujeitas as poesias líricas de Camões e, no caso concreto, as suas **canções**.

Tendo em conta que partimos do princípio que a edição de 1598 contenha um reduzido número de apócrifos, somos de opinião que o grande número de versos que na edição de Faria e Sousa apresentam pequenas ou grandes alterações relativamente a esta e à do Prof. Costa Pimpão, merece um comentário tão minudente quanto possível.

É certo que há vários versos na edição do Prof. Costa Pimpão que também não coincidem com as lições da edição de 1598. Porém, em alguns casos ele diz expressamente que se serviu da edição de 1595 e aponta mesmo a lição que figura na de 1598, nesses casos preterida (é o que ocorre nos versos: Canção I: verso 2 do remate; Canção II: versos 4, 11, 12 e 13 da 5ª estrofe; Canção III: versos 6 e 13 da 2ª estrofe; Canção V: verso 6 da 4ª estrofe; Canção VI: verso 5 da 7ª estrofe; Canção VIII: verso 4 da 1ª estrofe, verso 3 da 2ª estrofe e verso 3 da 3ª estrofe; Canção IX: verso 1 da 8ª estrofe; Canção X: verso 1 da 8ª estrofe, verso 17 da 10ª estrofe, verso 15 da 11ª estrofe e verso 15 da 12ª estrofe), noutros casos, porém, não faz qualquer referência à causa das alterações, o que tem sido motivo de crítica também desta edição.

Quanto à edição de Faria e Sousa, **canções** há em que as suas lições conferem com as do Prof. Costa Pimpão, pese embora serem ambas distintas das da edição de 1598 (Canção II: verso 4 da 5ª estrofe; Canção III: verso 9 da 2ª estrofe; Canção IV: verso 10 da 2ª estrofe; Canção V: verso 11 da 2ª estrofe; Canção VIII: verso 3 da 2ª estrofe; Canção IX: verso 1 da 8ª estrofe; Canção X: verso 10 da 3ª estrofe). Lamentamos o facto de não termos podido confirmar se os versos citados coincidem efectivamente com os que constam da edição de 1595, o que tornaria o trabalho de confrontação mais completo. Todavia, pensamos que poderemos depreender que, nos casos citados, Manuel de Faria e Sousa se tenha servido do exemplar “*princeps*” das *Rimas* de Camões.

No que concerne aos outros casos, deter-nos-emos mais detalhadamente sobre eles. Por uma questão de facilidade metodológica e mesmo no interesse de posteriores trabalhos, agruparemos as discrepâncias que detectámos no texto de Faria e Sousa e que nos pareceram passíveis de figurar sob uma mesma designação por apresentarem pontos em comum.

Assim:

2. Alterações de ordem formal:

Correcções métricas: É neste caso que se enquadra a maior parte das alterações introduzidas por Faria e Sousa nas canções de Camões. Com efeito, o camonista do século XVII, por razões sobre as quais não interessa estar a especular, omite sistematicamente qualquer figura do campo da dicção que apareça na edição de 1598, seja ela uma diérese, uma sinérese ou uma elisão. Isto se pode confirmar na:

- **Canção I:** versos 10 e 13 da 3ª estrofe; verso 12 da 5ª estrofe e verso 2 do remate;

- **Canção II:** verso 8 da 1ª estrofe; verso 10 da 2ª estrofe; verso 8 da 3ª estrofe; versos 7 e 8 da 4ª estrofe; verso 7 da 5ª estrofe e versos 4 e 5 da 7ª estrofe;

- **Canção III:** versos 3 e 8 da 3ª estrofe;

- **Canção IV:** versos 3, 7, 9 e 10 da 1ª estrofe; verso 7 da 2ª estrofe; versos 8, 9 e 13 da 3ª estrofe e versos 2, 3 e 6 do remate;

- **Canção V:** verso 10 da 1ª estrofe; verso 13 da 2ª estrofe; versos 4 e 7 da 3ª estrofe e verso primeiro da 5ª estrofe;

- **Canção VI:** verso 12 da 2ª estrofe; verso 11 da 5ª estrofe; verso 13 da 6ª estrofe;

- **Canção VII:** verso 4 da 3ª estrofe;

- **Canção VIII:** verso 11 da 2ª estrofe; versos 2, 7 e 12 da 3ª estrofe; verso 9 da 4ª estrofe e versos 8, 9 e 13 da 5ª estrofe.

3. Alterações sintácticas, semânticas e retórico-estilísticas que documentam um pendor para o barroquismo:

Hipérbatos: São vários os casos em que, obedecendo a imperativos estilísticos barrocos, Faria e Sousa subverte a ordem directa dos vocábulos no verso. São disso exemplo:

- **Canção II:** verso 11 da 2ª estrofe; versos 8 e 13 da 7ª estrofe;

- **Canção III:** verso 5 da 3ª estrofe e verso 2 da 5ª estrofe;

- **Canção IV:** verso 9 da 2ª estrofe;

- **Canção V:** verso 6 da 2ª estrofe;

- **Canção VIII:** verso 4 da 2ª estrofe e verso 8 da 4ª estrofe;

- **Canção IX:** versos 5 e 11 da 1ª estrofe; verso 1 da 2ª estrofe e verso 7 da 4ª estrofe;

- **Canção X:** verso 14 da 2ª estrofe; verso 18 da 3ª estrofe; verso 7 da 5ª estrofe e verso 3 da 10ª estrofe.

Pendor para a teatralidade: Verifica-se na introdução ou deslocação para lugar de destaque na frase de vocativos, no recurso à interjeição e na utilização de processos enfáticos hiperbólicos, o que ocorre nos versos:

- **Canção I:** verso 10 da 6ª estrofe;

- **Canção II:** verso 15 da 6ª estrofe;
- **Canção IV:** verso 5 da 2ª estrofe; verso 3 da 3ª estrofe e verso 1 do remate;
- **Canção V:** verso 8 da 4ª estrofe; verso 11 da 5ª estrofe e verso 3 da 6ª estrofe;
- **Canção VII:** verso 2 da 3ª estrofe;
- **Canção VIII:** verso 10 da 1ª estrofe; verso 13 da 2ª estrofe; verso 8 da 3ª estrofe e verso 7 da 4ª estrofe;
- **Canção IX:** verso 4 da 4ª estrofe;
- **Canção X:** verso 13 da 2ª estrofe.

Construção em paralelismo: Alguns versos sofrem alterações do ponto de vista sintáctico por forma a apresentarem um paralelismo na sua arquitectura formal, caro ao barroco. Estão neste caso os versos:

- **Canção II:** verso 11 da 4ª estrofe;
- **Canção IV:** verso 10 da 1ª estrofe;
- **Canção V:** verso 15 da 1ª estrofe;
- **Canção VI:** verso 12 da 2ª estrofe;
- **Canção IX:** verso 2 da 1ª estrofe e verso 4 da 7ª estrofe.

Super-posição de elementos: Esta aproximação das canções camonianas ao gosto barroco vem documentada nos versos:

- **Canção VII:** verso 8 da 3ª estrofe;
- **Canção IX:** verso 1 da 1ª estrofe e verso 3 da 3ª estrofe;
- **Canção X:** verso 13 da 12ª estrofe.

4. Alterações que documentam uma evolução linguística: **Determinadas emendas que Faria e Sousa introduz nos versos de Camões espelham a evolução que a língua portuguesa foi sofrendo, nomeadamente no que concerne ao uso de determinadas preposições. São testemunho do que acabámos de afirmar os versos:**

- **Canção I:** verso 13 da 5ª estrofe;
- **Canção II:** verso 3 da 2ª estrofe; verso 13 da 3ª estrofe; verso 14 da 6ª estrofe e verso 13 da 7ª estrofe;
- **Canção VIII:** verso 13 da 2ª estrofe;
- **Canção X:** verso 16 da 1ª estrofe.

5. Alterações ditadas pelo gosto pessoal: **Há várias alterações introduzidas nos textos que, analisadas, até pela sistematicidade com que ocorrem, revelam o gosto pessoal estético-literário de Faria e Sousa. É o caso dos versos que:**

Evitam as anástrofes:

- **Canção II:** verso 10 da 3ª estrofe; verso 4 da 6ª estrofe e verso 13 da 7ª estrofe;
- **Canção III:** verso 2 da 1ª estrofe;
- **Canção VIII:** verso 8 da 4ª estrofe;
- **Canção IX:** verso 2 da 2ª estrofe;
- **Canção X:** verso 18 da 3ª estrofe.

Procuram diversificar o estilo:

- **Canção II:** verso 10 da 5ª estrofe;
- **Canção III:** verso 7 da 2ª estrofe;
- **Canção IV:** verso 3 da 4ª estrofe;

- **Canção VI:** verso 8 da 6ª estrofe e verso 6 da 7ª estrofe;
- **Canção IX:** verso 7 da 3ª estrofe;
- **Canção X:** verso 2 da 5ª estrofe.

Procuram introduzir correcções de sentido:

- **Canção II:** verso 12 da 2ª estrofe; verso 15 da 7ª estrofe e verso 1 do remate;
- **Canção V:** verso 15 da 6ª estrofe;
- **Canção VI:** verso 12 da 6ª estrofe;
- **Canção VIII:** versos 5 e 6 da 3ª estrofe; verso 11 da 8ª estrofe;
- **Canção IX:** verso 7 da 7ª estrofe e verso 1 da 8ª estrofe.

Os restantes versos que figuram nos quadros que elaborámos, e aos quais não nos referimos aqui, são portadores de determinadas “*emendas*” que levantam dúvidas que não sabemos resolver, pelo que nos dispensamos de architectar considerações imaginosas.

De qualquer forma, pensamos que o estudo que fizemos ao longo das páginas deste trabalho deixa claro que, por um lado, Faria e Sousa muitas vezes reescreveu os textos por ele recolhidos, num estilo, a seu ver, ditado por critérios de aperfeiçoamento; por outro, que, mercê destas e doutras deturpações a que a lírica camoniana tem vindo a ser sujeita, se impõe que todos aqueles que dedicam a este autor os seus estudos reflitam na necessidade urgente de elaborar uma edição crítica das peças líricas do grande génio português de quinhentos.